

"Museu Lassar Segall"  
"S. B. AT. Revista de Teatro"  
n.º 480 - 485 1987

www.sbat.com.br/rvr\_olod.asp  
mão eloqui

# TEATRO E RAÇA

fichado

Pelos Palcos



Cantora africana Miriam Makeba

As celebrações dos mais relevantes acontecimentos periodicamente levadas a efeito na órbita racial, tanto no que se refere aos negros como aos índios e às respectivas mestiçagens, põem-nos a cada momento diante do problema da discriminação dos indivíduos, baseada nas diferenças de cor. Todos os anos recordamos as lutas que negros e índios sustentaram, desde os tempos coloniais, contra a escravização a que foram submetidos, os primeiros trazidos da costa da África e os segundos em sua própria terra. Relembramos episódios históricos como o dos negros comandados por Henrique Dias, juntamente com os índios de Felipe Camarão, na guerra contra os holandeses. Agora mesmo, estamos comemorando a guerra travada pelos senhores de escravos contra o Quilombo dos Palmares, chefiado por Zumbi, na primeira metade da última década do séc. XVII, e recordamos anualmente fatos históricos da Lei do Ventre Livre e dos Sexagenários, culminando com a Lei Áurea, que a Princesa Isabel, representando o Imperador, assinou e promulgou a 13 de Maio de 1888.

## Detalhe Secundário

O simples fato de terem os negros vivido tantos séculos escravizados e humilhados gerou o preconceito da inferioridade racial e da conseqüente discriminação. Ao contrário do que aconteceu com a raça indígena, que não se deixou escravizar, constituindo até seus descendentes e mestiços motivos de ufanía, o que não impede o branco de trabalhar permanentemente por sua erradicação e destruição. Apesar de libertos, os negros e seus mestiços continuam a ser mantidos virtualmente fora da sociedade, como se não existissem neste país, que neles tem a maioria de sua população. Ainda hoje procuramos negros e mesmo mulatos nas camadas de elite, no Parlamento e nos tribunais, nos altos postos militares e nas profissões liberais, nas universidades e nos mais requintados meios artísticos e culturais e a resposta em todos os casos é sempre a mesma: pouquíssimos, raros e muitas vezes totalmente ausentes. No teatro, no cinema ou na televisão, o que prevalece é o branco. O negro é um detalhe secundário, um per-

sonagem humilde e quase sempre ridículo. A não ser em uma ou outra novela, filme histórico ou romance de fundo racial, o negro e o cabra no Brasil parece que não existem. Na música, nos esportes, nas festas populares, sobretudo no carnaval, fazem geralmente os fundos de quadro, podendo brilhar muito, mas sempre superados pelos brancos. Alguns destaques, todavia, têm-se manifestado nos últimos tempos. Assinalaremos as tentativas honrosas de fazer teatro negro, como ocorreu com Abdias Nascimento e Odete Pinagé, com De Chocolate e agora com Milton Gonçalves, brilhando como intérprete, embora menos bem pago, por motivo da balda racial.

Se lançarmos, porém, os olhos ao passado, veremos que o negro e suas gradações de raça já tiveram maiores oportunidades de afirmação do seu valor, bastando lembrar nomes como os de Gonçalves Dias e Machado de Assis, Tobias Barreto e José do Patrocínio, Rebouças pai e filho, Luiz Gama e D. Silvério, Theodoro Sampaio e Coelho Netto, Cruz e Sousa e Guimarães Passos, Antônio Torres e Evaris-



Ator-humorista Tião Macalé

to de Moraes, o famoso Professor Hemetério e o não menos famoso Antenor Nascentes, além de muitos outros que brilharam nos mais variados setores da vida social.

### Valores Mestiços

Louvores sejam prodigalizados a SBAT, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que, fundada nesta cidade a 27 de setembro de 1917, registrou em seu quadro de sócios fundadores diversos mestiços da raça negra, autores e compositores ilustres como Avelino de Andrade, Alvarenga Fonseca, Euricles de Mattos, Viriato Corrêa, Paulino do Sacramento, Adalberto de Carvalho, Domingos Roque, Raul Martins, José Nunes e Mauro de Almeida. Seu primeiro Presidente, eleito para encerrar aquele mesmo ano de 1917, foi João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, notável jornalista e membro da Academia Brasileira, mestiço como Raimundo Magalhães Júnior que, mais de uma vez exerceu a presidência sbatiana. A partir da fundação, vamos ali encontrar homens de cor, mulatos e pardos, como Freire Júnior, um dos mais fecundos revistógrafos e compositores populares, Henrique Vogeler, notável maestro, filho de pai alemão, Antônio Peixoto Velho, maestro, compositor e pianista, companheiro de Assis Republicano, autor de 2 óperas levadas no Municipal do Rio e de São Paulo, além de duas outras consagradas com o pagamento de altos prêmios, um pelo Serviço Nacional de Teatro e o outro, pelo Congresso Nacional. E ainda, Cândido Costa, Carlos de Carvalho, Pacheco Filho e Jerônimo Cabral.

### Pena aos Transgressores

Entre os atores e as atrizes que in-

tes peças de autores nacionais, podemos citar, entre outros: Manoel Durães, Apolo Corrêa, Tião Macalé, Grande Otelo, Carmen Costa e Aracy Cortes, Elza Soares e Alcione, além de muitos outros. No jornalismo de televisão, deve ser posta em evidência Glória Maria, repórter de invulgar talento, cultura e brilho expressional. Homenagem especial seja prestada à memória de uma das mais prestigiosas personalidades que lutaram contra o preconceito de cor, Afonso Arinos de Mello Franco, líder político e Acadêmico, recentemente falecido, autor da lei que leva seu nome e estabelece penalidades para os transgressores da proibição de discriminação racial.

Encerro estas considerações transcrevendo o soneto que o poeta setubalense redivivo recitou num salão social, dirigindo-se à sua jovem amiga Sebastiana, impedida de participar da reunião, por motivo de cor:

Não lamentos, Bastiana, o negro fado.  
Preta tem sido muita gente boa,  
Pretíssimas fidalgas tem Quiloa  
E pretolas beíquidas têm reinado.

Da Chica um branco rico foi o amado  
E exibiu-a em seu barco na lagoa.  
Sulamita era preta e um rei amou-a,  
Sendo esse amor na Bíblia decantado.

Essa loirinha da TV famosa  
Sete anos coabitou com um baeta  
E é hoje benemérita e gloriosa.

Muitos brancos adoram a cor preta.  
Não te lamentos, pois, Tiana formosa,  
Que isso de alvura e raça é tudo preta



Poeta Cruz e. Sousa